

# ASSASSINA NA ÁGUA



O desespero de uma família para salvar esta jovem menina depois que um passeio até o rio local se transformou em tragédia

POR JAMES KNIGHT



## Água-viva

*Chironex fleckeri*

Bilhões de células semelhantes a ferrões localizadas nos tentáculos da *Chironex fleckeri* liberam veneno três milissegundos depois de serem tocadas – dez vezes mais rápido que um *airbag* num acidente de carro.

**A *Chironex fleckeri*, espécie de água-viva típica das águas do norte da Austrália, é uma das criaturas mais venenosas do mundo.** *Chironex* é um termo formado pela palavra grega que quer dizer mão (*kheirós*) e a palavra latina *nex* (morte). No indivíduo adulto, cada um dos 60 tentáculos da água-viva chega a três metros de comprimento. Quando um deles encosta em outra criatura viva, explodem algumas das mais de um milhão de cápsulas existentes na sua superfície, disparando ferrões que injetam um coquetel venenoso. Esses venenos podem fazer o coração humano parar, matando a vítima em minutos. O animal vive no oceano, mas às vezes sobe os rios quando o nível da água está baixo. Esse assassino silencioso marinho já matou pelo menos 64 australianos desde que avistado pela primeira vez, há mais de 100 anos.

---

### **DIRIGINDO MAIS RÁPIDO DO**

que jamais fizera, Ruth Macklin seguia pela Autoestrada Bruce. Com uma das mãos, agarrava o volante do utilitário do seu companheiro, Geoff Shardlow; com a outra, apertava o celular na orelha para repassar as instruções dos operadores do serviço de Emergência. Minutos fundamentais tinham decorrido desde que a filha Rachael, 10 anos, deitada no colo de Geoff, no banco de trás, parara de respirar. Ruth só pensava uma coisa: *Será que a nossa filha vai morrer?*

Faltavam só seis dias para o Natal de 2009. A manhã começara inocente, apesar da inclemência do verão. No meio da tarde, a temperatura era de quase 40 graus, e todos da família de Ruth e Geoff, na Ilha Boyne, 530 quilômetros ao norte de Brisbane, na Austrália, estavam com vontade de nadar ou, ao menos, de mudar de paisagem.

A família chegou ao Acampamento Rio Calliope por volta das quatro horas.

A uns 23 quilômetros do mar, o local tranquilo e sombreado por eucaliptos é muito apreciado por moradores e visitantes. Idosos grisalhos liam o jornal. Crianças brincavam enquanto os pais, de cerveja na mão, gozavam alguns momentos tranquilos antes que a época de festas realmente chegasse. Um período de seca deixara o rio sem água doce durante cerca de dez meses. A água estava salobra, mais salgada do que de costume, mas pilotos de *jet ski* e grupos de nadadores risonhos e brincalhões queriam aproveitar ao máximo o alívio refrescante.

Depois de prender no utilitário a guia dos dois cachorros da família, Geoff e Ruth armaram as cadeiras.

---

## **OS VENENOS DA ÁGUA-VIVA PODEM MATAR EM MINUTOS**



**A Chironex foi levada 23 km rio acima através da água salobra.**

Rachael, o irmão Sam, de 13 anos, e o amigo Lachlan se despiram e ficaram de roupa de banho.

- Não há nada perigoso lá, mamãe? - perguntou Rachael.

- Não, mas não se afaste - respondeu Ruth.

As três crianças correram para o rio com as pranchas de jacaré enquanto Ruth e Geoff se instalavam. A visão dos meninos era bloqueada pela margem do rio, mas o casal estava tranquilo, porque os gritos de prazer de Rachael soavam pelo ar escaldante. Os meninos foram para o meio do rio, a

uns 30 metros da margem. Sam, Lachlan e Rachael estavam a apenas um metro de distância um do outro, com água pela cintura, quando de repente Sam sentiu uma dor como se o tornozelo esquerdo e o joelho tivessem sido "furados com vidro". Ele estendeu a mão e arrancou uma massa gelatinosa, mas, antes que pudesse reagir a mais dor, se assustou ao ver a irmã agitar os braços e dar gritos histéricos.

Ruth pulou da cadeira e saiu correndo para o rio, enquanto Sam punha Rachael sobre a prancha de jacaré e, no mesmo ímpeto de energia, a empurrava para a margem.

- Tire esse peixe de mim! - berrava Rachael.

Sam arrastou a irmã até um trecho de areia à beira d'água, onde um casal idoso foi ajudar.

- É uma água-viva! Precisamos de vinagre - disse a mulher, correndo para o trailer.

**Ruth titubeou quando viu a filha.** A perna esquerda de Rachael estava quase totalmente envolvida por tentáculos. Também havia tentáculos enrolados na coxa direita, na barriga e no braço esquerdo. Sem pensar na própria segurança, freneticamente Ruth tentou arrancá-los, mas os ferões estavam agarrados. Então, de repente, na fúria do momento, Rachael parou de gritar.

- Vou morrer, mamãe? - perguntou ela baixinho.

- Não, vai ficar tudo bem - respondeu Ruth, mas com incerteza cada vez maior.

A mulher idosa voltou com vinagre e toalhas de papel. E conforme Ruth despejava vinagre sobre os tentáculos, eles se soltavam da pele da filha. Ruth arrancava grandes punhados de água-viva com o papel-toalha, mas o alívio durava pouco: a menina estava perdendo a consciência.

Sam foi correndo até o pai, que descia pela margem com mais papel, e gritou para que ele pegasse o carro. Quando Geoff voltou com o utilitário, o corpo de Rachael exibia vergões roxos irritados onde os tentáculos tinham encostado; o rosto estava pálido e ninguém conseguia acordá-la no colo da mãe. Foram tomadas decisões rápidas: Sam e Lachlan ficariam com os cães e o casal idoso, enquanto Geoff iria buscar a ambulância, levando Ruth e Rachael no banco de trás.

No início da viagem, Ruth gritou: “Ela parou de respirar, Geoff! Eu não aguento vê-la assim!” Então trocaram de lugar: ele ficou com Rachael e ela passou a dirigir. Com o utilitário pulando por causa das lombadas, Geoff não conseguia manter os dedos no pescoço da menina pelo tempo necessário para sentir a pulsação. Gritou para que Ruth fosse mais devagar. Ela gritou de volta. E o pânico se instalou.

---

## **A PERNA ESQUERDA DE RACHAEL ESTAVA COBERTA POR TENTÁCULOS**

Geoff começou a fazer ressuscitação cardiopulmonar, manobra que conhecia bem. Era cientista ambiental e, no trabalho, recebera treinamento de primeiros socorros. Duas vezes já fizera respiração boca a boca em vítimas de acidente, mas nada o preparara para uma situação daquelas. Encolhido atrás do banco da frente, segurou as costas e o pescoço de Rachael com a mão esquerda e usou a direita para manter a filha viva.

Uma compressão, duas, três, quatro... quinze... uma respiração. Teria errado a conta? Geoff não sabia. Só sabia que tinha de se concentrar em pôr ar nos pulmões da filha e em tomar cuidado para não pressionar com força demais e quebrar um osso. O tempo todo, pensava: *Esta é a minha filha!*

“Estamos indo para o Cruzamento de Calliope!”, berrou Ruth ao telefone para o operador da Emergência.

Entraram na Autoestrada Bruce. Faltavam quatro quilômetros para chegar ao cruzamento. Ruth enfiou o pé no acelerador.

Perto do cruzamento, Joe Caccaviello, gerente do posto de gasolina, conversava com dois fregueses quando viu um utilitário parar de repente e uma mulher sair correndo, gritando ao celular.

“Acho que temos uma briga por lá”, disse Joe aos fregueses Bob Heath e Leanne Berghuis. Mas a mulher agitava as mãos furiosamente, em todas as direções. “Não, não é briga, não”, corrigiu-se Joe. “Há algo errado.” E correu até o utilitário, com Bob e Leanne atrás.



**Geoff estava exausto.** Na confusão que se seguiu, Joe assumiu as compressões e Leanne se preparou para iniciar a respiração boca a boca. Fazia 30 anos que Joe concluía o curso de salva-vidas, enquanto Leanne, ex-integrante da Marinha, recebera intenso treinamento de primeiros socorros.

“Não nos deixe!”, implorava o gerente do posto de gasolina à pequena vítima.

Enquanto isso, Ruth ainda estava ao telefone transmitindo instruções. “Vocês estão indo bem”, disse ela, com voz trêmula. Minutos se passaram até que ouviram a sirene da ambulância. O oficial-bombeiro Col Purton viera em resposta ao código um: vida ou morte.

Momentos depois de ver a paciente, pediu pelo rádio à central de comunicações que outra ambulância da Calliope Ambulance Station trouxesse o antídoto.

O tempo corria, e o estado de Rachael piorava cada vez mais. O rosto e as extremidades estavam azulados, sinal de que não recebia oxigênio suficiente. A poucos metros dali, passavam utilitários, *trailers* e caminhonetes cheios de veranistas que

nem sabiam do drama prestes a destruir uma família.

Col usou uma máscara com válvula inflável para ventilar a paciente enquanto Joe fazia compressões. Dois



**Rachael, acima com o irmão Sam, sua mãe Ruth e o pai Geoff, teve a perna esquerda e parte do corpo cobertos por terríveis queimaduras que pareciam chicotadas.**



**Um médico disse a Rachael que ela deve ter orgulho de suas cicatrizes: é uma das poucas sobreviventes do veneno daquela água-viva.**

minutos depois, Col sentiu uma pulsação fraca. Rachael lutava arduamente, e logo o pulso se fortaleceu e ficou mais lento, e a pressão arterial, perigosamente baixa, começou a subir. Em seguida, ela passou a respirar sozinha.

Rachael estava na parte de trás da ambulância quando o antídoto veio e foi injetado no seu braço. E, quando a

ambulância chegou ao departamento de emergência do Hospital de Base Gladstone, a 20 quilômetros dali, Rachael mostrava sinais de que recuperava a consciência. A equipe médica disse a Ruth e Geoff que a menina tinha de ficar em coma induzido para permitir que o organismo combatesse o efeito da falta de oxigênio, senão haveria forte possibilidade de uma lesão cerebral.

De madrugada, Rachael foi transferida de avião para o Royal Children's Hospital de Brisbane. Dois dias depois, melhorou o suficiente para sair dos aparelhos de manutenção da vida.

A menina ficou duas semanas no hospital e mais um mês em Brisbane antes de voltar para casa. Recuperou-se incrivelmente bem, diz o Dr. Fred Leditschke, seu médico, que atribui a sobrevivência e a recuperação da menina ao uso correto dos primeiros socorros e da ressuscitação cardiopulmonar. “Os heróis foram os pais de Rachael, que mantiveram a filha viva até que os médicos pudessem cuidar dela”, diz ele.

Um ano depois do acidente, Rachael vai muito bem. Tem pouquíssimas cicatrizes e nenhuma lembrança do dia em que foi atacada. Gosta de jogar vôlei e sonha ser *chef* de cozinha ou professora quando crescer. ■